

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

27



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2018



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Luís Manuel de Araújo (University of Lisboa)

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Ana Catarina Almeida, André Campos Silva, Catarina Pinto Fernandes, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Revisão Editorial | Copy-Editing

Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Revisão Ortográfica | Proofreading

Catarina Pinto Fernandes, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactional Committee

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Ana Travassos Valdez (Universidade de Lisboa), António Ramos dos Santos (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Loïc Borgies (Université Libre de Bruxelles), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa), Soana Svárd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Chwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa)

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Antonio Loprieno (Universität Basel), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Josep Padró (Universitat de Barcelona), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico)

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Alejandro Valverde Garcia (IES Santísima Trinidad), Andrew Miller (East Carolina University), Aurélio Pérez Jimenez (Universidad de Málaga), David Soria Molina (Universidad de Murcia), Francisco Salvador Ventura (Universidad de Granada), José Virgílio García Trabazo (Universidad de Santiago de Compostela), Glória Braga Onelley (Universidade Federal Fluminense), Gustavo Vivas García (Universidad de La Laguna), Juan Luis López Cruces (Universidad de Almería), Luísa de Nazaré Ferreira (Universidade de Coimbra), Marta Várzea (Universidade de Coimbra), Matteo Vigo (Akademie der Wissenschaften und Literatur Mainz), Nadine Guilhou (Université Paul Valéry), Paulo Simões Rodrigues (Universidade de Évora), Rafael Cejudo Gale (Universidad de Cádiz), Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Rui Morais (Universidade do Porto), Victoria Emma Pagán (University of Florida)

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2018

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15,00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.uilisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UID/HIS/04311/2013 and UID/HIS/04311/2019.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

- 11 "SEÑOR DE LOS ANIMALES" Y NÚMENES HÍBRIDOS INDOEUROPEOS:
Algunos apuntes para su reconstrucción

"LORD OF THE ANIMALS" AND INDO-EUROPEAN HYBRID NUMINA:

Some notes for their reconstruction

José Virgilio García Trabazo

- 29 RETOS Y AMENAZAS DE LA ADMINISTRACIÓN MUNICIPAL EN EL
OCCIDENTE ROMANO DURANTE EL ALTO IMPERIO:
El caso hispano

*CHALLENGES AND THREATS FACED BY MUNICIPAL ADMINISTRATION IN THE
ROMAN WEST DURING THE HIGH EMPIRE:*

The Hispanic case

Javier Andreu Pintado

47 ESTUDOS

ARTICLES

- 49 EROTISMO DIVINO E CRIMINALIDADE SEXUAL NO HATTI
DIVINE EROTICISM AND SEXUAL CRIMINALITY IN THE LAND OF HATTI

João Paulo Galhano

- 77 ESTADO DA ARTE E CONTRIBUTOS DA TEORIA LITERÁRIA PARA O
ESTUDO DOS VASOS GREGOS DE FIGURAS
(sécs. VI - IV a.C.)

*STATE OF ART AND CONTRIBUTIONS FROM LITERARY THEORY TO THE RESEARCH
OF GREEK FIGURED POTTERY*

(6th - 4th cent. BCE)

Ana Rita Figueira

- 101 O INSUCESSO DA PRIMEIRA FILÍPICA DE DEMÓSTENES
THE FAILURE OF DEMOSTHENES' FIRST PHILIPPIC

Elisabete Caçõo

- 115 AS FINANÇAS PÚBLICAS DE ROMA APÓS A 2ª GUERRA PÚNICA
Algumas considerações sobre As obras De Tenney Frank e Phillip kay
THE ROMAN STATE FINANCE AFTER THE 2ND PUNIC WAR
Some remarks on The Works of Tenney Frank and Phillip Kay
Filipe Carmo
- 133 POMPEI, CASA DI SIRICO. PROPOSTE DI LETTURA DEGLI AFFRESCHI
MITOLOGICI DEL TRICLINIO 8 E DELL'AMBIENTE 34:
Due episodi dell'Eneide come espressione di evasione e amore
POMPEII, SIRICUS'S HOUSE. INTERPRETATIONS OF THE MYTHOLOGICAL FRESCOES
IN THE TRICLINIUM 8 AND THE ROOM 34:
Two Aeneid's episodes as an expression of relaxation and love
Paolo Quaranta
- 171 COMETAS, HOMERO E A VANGLÓRIA DE CRISTO.
Texto e contextos de AP 15.40
COMETAS, HOMER, AND THE VAINGLORY OF CHRIST.
Text and contexts of AP 15.40
Carlos Martins de Jesus
- 199 LA RECEPCIÓN CINEMATOGRAFICA DE ULISES
THE CINEMATOGRAPHIC RECEPTION OF ULYSSES
Óscar Lapeña Marchena

213 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

- 215 O JUDAÍSMO PORTUGUÊS NA LINHA DAS RELIGIOSIDADES IBÉRICAS
PORTUGUESE JUDAISM WITHIN IBERIAN RELIGIOSITIES

José Augusto Ramos

223 RECENSÕES

REVIEWS

289 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES

WALTER DUVAL PENROSE, JR. (2016), *Postcolonial Amazons. Female Masculinity and Courage in Ancient Greek and Sanskrit Literature*. Oxford, Oxford University Press, 336 pp. ISBN 978-0-19-953337-4.

O *Postcolonial Amazons* nasce de uma reformulação integral da tese de Doutorado do A., apresentada dez anos antes, sob o título *Bold with the Bow and Arrow: Amazons and the Ethnic Gendering of Martial Prowess in Ancient Greek and Asian Cultures*, bem como de outros trabalhos que foram desenvolvidos, entretanto pelo A., na linha da História do Género e da Sexualidade na Antiguidade Clássica. O presente estudo dá continuidade à análise das Amazonas, bem como de outras mulheres guerreiras da Antiguidade, numa perspectiva comparada, que visa identificar elementos históricos filtráveis na alteridade presente no pensamento Grego. Para esta tarefa, o autor parte sobretudo de fontes literárias, confrontando-as, recorrentemente, com as artísticas e arqueológicas. Isto porque, se por um lado, a História da Arte e a História da Literatura interpretaram as Amazonas como produto do imaginário Grego, por outro, a Arqueologia, sobretudo a Russa, trouxe-nos exemplos concretos de mulheres guerreiras na Ásia Central, permitindo ao A. inserir estas mulheres imaginadas num conjunto de costumes praticados por estes mesmos povos nómadas, inferindo daqui uma origem histórica do mito.

O A. faz um interessantíssimo uso do método «pós-colonial», dando voz à alteridade, identificando várias ideologias subjacentes nestas narrativas, de mulheres fortes e corajosas na Antiguidade, bem como as concepções daquilo que constituiria um matriarcado. Partindo sempre de um contexto comparativo, apresenta-nos as Amazonas Gregas enquanto um exagero literário, um mito que nasce da compreensão Grega sobre a cultura do «outro», onde a mulher poderia assumir, periódica e especificamente, actividades políticas e militares. As Amazonas passam assim a constituir uma distorção de rainhas e guerreiras orientais. Seguindo esta teoria e admitindo que o mito Grego das Amazonas, tal como ocorre noutros exemplos da representação do «outro», nos outorga mais informação sobre essa mesma visão e recepção, do que, propriamente, sobre as Amazonas em si mesmas, ou ainda sobre as mulheres que deram origem a este mito, utiliza como filtro interpretativo a importante identificação de um «Orientalismo», que é na realidade um «Amazonismo» (já que por «oriental» se compreendem aqui Amazonas, guerreiras e rainhas bárbaras) dentro de um mais amplo «Barbarismo», Grego, à semelhança do que Edward Said havia feito para a invenção romântica e eurocêntrica do Oriente (*Orientalism*, New York, Pantheon, 1978) e Stefan Arvidsson para a ideologia imperialista e fascista Indo-Europeia (*Aryan Idols: Indo-European Mythology as Ideology and Science*, Chicago, University of Chicago Press, 2006), procurando, claro está, desvelar a origem das Amazonas para lá da cortina patriarcal Ateniense. Assim sendo, defende que os Gregos não foram capazes de entender estas mulheres guerreiras das tribos nómadas da Ásia Central, transformando-as, como tal, em mulheres masculinas e imaginando, conseqüentemente, uma sociedade de homens fracos e efeminados, que se foi tornando cada vez mais característica no uso do termo «bárbaro». Esta sociedade onde os homens permitiam às suas mulheres combater ou exercer poder, foi assumida, pelo costume Ateniense, como aquela onde as mulheres dominavam e assassinavam os homens, incluindo os seus filhos. Só desta forma, munidos desta percepção «Orientalista» e de uma abordagem comparativa, é que o mito das Amazonas nos pode dizer mais sobre o «outro» e sobre aquilo que ultrapassa o genuinamente Grego.

O A. identifica os mitos sobre as Amazonas enquanto construções culturais sobre os costumes dos povos bárbaros, em específico, Cítios, Sármatas, Trácios e Líbios, em duas linhas de expressão: na primeira está a representação literária e artística das Amazonas como fenómeno matriarcal, de um mundo às avessas, ou de masculinidade feminina, onde o patriarcado necessitava de ser restabelecido; na segunda, está a classificação de matriarcado, por parte dos autores Gregos, de todas as sociedades onde a mulher assumia, esporadicamente, alguma forma de poder, como quando a mulher não podia ser imune à prática comum da guerra na Antiguidade, em especial entre os Orientais, mas também em Esparta, conferindo igualmente a estas mulheres uma masculinidade. Por isto, a percepção Grega de um matriarcado absoluto entre as tribos nómadas, que resultam de um exagero feito sobre evidências históricas nasce, seguindo um método comparativo e pós-colonial, da observação de aspectos singulares de mulheres que combateram e alcançaram posições de poder. As únicas que detêm uma masculinidade permanente são precisamente as Amazonas, as outras, como as heroínas trágicas, por exemplo, recebem elementos tipicamente masculinos, como a coragem, a independência, a lealdade ou a inteligência, sempre de forma ocasional e temporária. A par disto, e pelo facto de, à semelhança de outras mulheres da literatura Grega, as Amazonas não possuírem voz, participando de um ventriloquismo generalizado, os seus mitos foram utilizados noutros propósitos culturais para além daquele de expressar a barbárie, como na educação das jovens raparigas, na exploração das suas qualidades eróticas pela arte, no mero entretenimento, mas também na educação relativamente ao «outro». «Outro» este que, independentemente do seu género, tem sempre uma capacidade ventríloqua.

O A. analisa o uso literário da distinção binária entre masculino e feminino, nos casos onde a masculinidade feminina (*andρεία*), a sua equivalência com o masculino (*antiâneira*), ou a sua substituição directa, são utilizados na literatura Grega. Esta identificação da masculinidade em algumas mulheres, manifestou-se de forma diferente, em diferentes períodos de tempo, gerando, por isto, várias masculinidades femininas, com variações e especificidades históricas, que não podem ser inseridas numa lógica de tendência sexual homoerótica, já que, sobretudo aquelas que o Autor estuda, não associam, nestas mulheres, a sexualidade à masculinidade.

Seguidamente, o autor estuda os Gregos da Ásia, que foram influenciados por costumes não-Gregos, devido a um contacto constante, gerando, para lá da Helenização destes espaços, um «hibridismo cultural» que, se bem considerado, permite um mais amplo entendimento destas culturas da Antiguidade, como a de Halicarnasso ou de Alexandria, interpretando estas mulheres segundo uma perspectiva cultural mista. Depois de estudar os exemplos de mulheres guerreiras nos reinos Helenísticos, o autor segue para aqueles da Índia e da Pérsia, partindo da obra de Megástenes, confrontando-a com fontes sanscríticas posteriores, de onde nos chega a evidência de mulheres, aqui de estatuto inferior, que assumiram o papel de guerreiras, mas sobretudo, o de guarda-costas. Por oposição à Grécia, apesar de as sociedades Indiana e Persa generalizarem de igual forma a capacidade militar como masculina, foi dada a esta masculinidade feminina um espaço de expressão, onde estas mulheres podiam assumir as funções de vigia, companheiras de caça e cortesãs. Especificamente, os Indianos importaram mulheres guerreiras da Ásia Central, dos mesmos locais onde os Gregos haviam identificado as Amazonas, como a Cítia, descrevendo-as de forma semelhante, ainda que ampliando-as à significação sexual do assumir desta função masculina por parte da mulher.

O A. critica o facto de Atenas ser, frequentemente, utilizado como «centro canónico»,

ocultando a verdadeira natureza dos géneros e das suas funções na Antiguidade. Por outro lado, através do método utilizado pelo A., é possível que se identifiquem mais circunstâncias históricas no mito das Amazonas do que aquelas que seriam de esperar, compreender o «outro» para além da sua oposição com aquilo que é «nosso», bem como individualizar os atributos de vários povos numa única etnia de Amazonas. Justifica-se assim compreender que a ideia de uma mulher fraca e covarde na Antiguidade, não passa de uma ideologia. De facto, parece ter sido o desenvolvimento do sedentarismo e da vida urbana a identificar exclusivamente a guerra com o masculino, já que as mulheres nómadas teriam, necessariamente, de saber defender-se, partilhando qualidades que, na circunstância Ateniense, seriam exclusivas do masculino.

Esta obra demarca-se assim, muito positivamente, no campo dos Estudos do Género, mas também naqueles que visam uma abordagem comparativa Indo-Europeia ou Eurasiática, fornecendo paralelamente preciosas perspectivas sobre a aplicação ideológica do mito na Antiguidade.

Ricardo Louro Martins

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de História

JULIA STEINHAUER (2014), *Religious Associations in the Post-Classical Polis*. (Potsdamer Altertumswissenschaftliche Beiträge 50). Stuttgart, Franz Steiner Verlag, 192 pp. ISBN 978-3-515-10646-7 (52.00€).

No estudo dos fenómenos religiosos, o entendimento das fórmulas de organização dos crentes é uma operação fundamental para a sua compreensão histórica, particularmente no que respeita às dinâmicas sociais próprias e das comunidades em que se inserem. A definição de tais modelos na historiografia da Religião Grega ancora regularmente a estruturação dos mesmos nos cultos de uma divindade ou num santuário específico, define as dinâmicas por oposição à hegemonia da *polis* na vida pública, e nem sempre encontra a documentação sistemática para discernir com segurança os processos de criação e manutenção das organizações em si ao longo do tempo. Ao estudar as agremiações religiosas independentes não-poliades, Julia Steinhauer tem o mérito de apresentar uma abordagem que, em parte, ultrapassa aquelas limitações e, ainda, suporta propostas originais assentes na leitura de casos particulares que escapam a uma definição simples.

Esta problemática, aliás, inicia a obra: como definir estes *collegia* (termo em si marcado pelas semânticas e historiografias mais desenvolvidas para o mundo romano) sem que a polissemia de expressões como *koinon*, *thiasos*, ou *synodos* determinem a análise. A opção, em linha com as perspetivas continentais, é ritualista e sociológica: interessa definir uma agremiação religiosa em comunhão voluntária, marcada pelo ritual como elemento identitário, sem que a comunidade estabeleça e regule diretamente o culto, e sem assumir um termo antigo por denominador comum, reconhecendo a multiplicidade sincrónica e diacrónica de fórmulas referenciadas nas fontes. O período de análise (do final do período Clássico ao Alto Império) compreende o ambiente cosmopolita dotado da circulação de inovações e intercâmbio de cultos, alguns tradicionalmente relacionados com as associações como os mistérios e cultos sincréticos de carácter orientalizante. O espaço da pesquisa